

ECONOMÍAS SOCIALES Y SOLIDARIAS EN EUROPA: LA REPRESENTATIVIDAD DEL COOPERATIVISMO, EL MOVIMIENTO ECOLÓGICO Y LA AGRICULTURA EN CATALUÑA

Maria Àngels Alió¹

Resumen

El artículo trata de la capacidad de las economías sociales solidarias (ESS) para generar tendencias de organización territorial propias. Para ello se basa en una investigación sobre las ESS en Catalunya que se propone a modo de caso de estudio de la implantación de las ESS en Europa. El artículo destaca dos temas que giran alrededor de las capacidades de este tipo de entidades: 1) la organización de redes propias que les permiten contrarrestar su tendencia a estructurarse en pequeñas unidades de trabajo con lo que pueden competir exitosamente en el ámbito económico y 2) su capacidad para implantarse en todo tipo de espacios, tanto urbanos como rurales. Además, el texto aporta una breve explicación de las características de las ESS situadas en una comarca catalana de carácter rural que ya cuenta con una larga tradición cooperativa.

Palabras clave: Cooperativismo, Crisis ambiental, Mundo rural, Redes socioeconómicas

ECONOMIAS SOCIAIS E SOLIDÁRIAS NA EUROPA: A REPRESENTATIVIDADE DO COOPERATIVISMO, DO MOVIMENTO ECOLÓGICO E DA AGRICULTURA NA CATALUNHA

Resumo

O artigo aborda a capacidade das economias sociais solidárias (ESS) no sentido de gerar tendências próprias de organização territorial. Para tal, baseia-se numa investigação sobre a ESS na Catalunya, proposta como um estudo de caso da implementação da ESS na Europa. O artigo destaca duas questões que giram em torno das capacidades desse tipo de entidade: 1) a organização de suas próprias redes que lhes permitem neutralizar sua tendência de se estruturar em pequenas unidades de trabalho com as quais podem competir com sucesso na esfera econômica e 2) a sua capacidade de se estabelecer em todos os tipos de espaços, tanto urbanos como rurais. O texto fornece ainda uma breve explicação sobre as características da ESS localizada em uma região rural da Catalunya que já possui uma longa tradição cooperativa.

Palavras chave: Cooperativismo, Crise ambiental, Mundo rural, Redes socioeconômicas

¹ Professora titular da Universidade de Barcelona. Grupo de Geógrafos pela Ecologia Social. Email: angelsalio@gmail.com

SOCIAL AND SOLIDARITY ECONOMIES IN EUROPE: THE REPRESENTATIVENESS OF COOPERATIVISM, THE ECOLOGICAL MOVEMENT AND AGRICULTURE IN CATALONIA

Abstract

The article deals the capacity of social solidarity economies (SSE) to generate their own trends in territorial organization. To this end, it is based on research on ESS in Catalonia, proposed as a case study on the implementation of ESS in Europe. The article highlights two issues that revolve around the capabilities of this type of entity: 1) the organization of their own networks that allow them to neutralize their tendency to structure themselves into small work units with which they can successfully compete in the economic sphere and 2) its ability to establish itself in all types of spaces, both urban and rural. The text also provides a brief explanation of the characteristics of the ESS located in a rural region of Catalonia that already has a long cooperative tradition.

Key words: Cooperatives, Environmental crisis, Rural world, Socioeconomic networks

INTRODUÇÃO

A economia social e solidária tem uma longa história. A Europa começou em meados do século XIX com a reação das populações humildes e trabalhadoras do capitalismo industrial com base em seus próprios pontos fortes e a colaboração mútua. Entre as primeiras iniciativas, uma das mais relevantes foi a de Rochdale Equitable Pioneers Society, fundada em 1844 em Rochdale, Manchester, com uma organização comparável às cooperativas. Durante o século XIX, este modelo esteve presente, provavelmente baseado nas experiências de colaboração mútua que existiram em muitos outros lugares. Desde então, essas práticas colaborativas desenvolveram-se de distintas maneiras, formando um amplo panorama de cooperativas em articulação com associações de ajuda mútua e outras formas de trabalho solidário. Conclui-se que, no final dos anos setenta do século passado começaram a surgir as práticas de Economia Social e Solidária (ESS) que, hoje, vieram a formar a alternativa ao sistema de trabalho capitalista, que todavia tenta se tornar a estrutura mundial de dominação e degradação do meio ambiente e o trabalho. Como pensam alguns dos mais importantes estudiosos e cientistas que têm se dedicado ao estudo deste tipo de economia. Como Paul Singer (2004) ao afirmar que a altura as ESS já estariam em fase de consolidação após os primeiros estágios, quando ainda era frágil e incipiente.

Segundo F. Capra (1996), essa consolidação seria produzida por a necessidade costumeira da população de obter para si comida, moradia, roupas e tantas outras² finalidades básicas, se submetendo à escravidão, exploração e alinhamento. E também, na interação da atual crise social e ecológica, causada pela contínua exploração e degradação do planeta com seus corolários de afetações e impactos humanos. De acordo com essa hipótese, verifica-se que, simultaneamente com a continuação da exploração da natureza por meio das intervenções do capitalismo global, as ações da ESS serão mais justas e racionais por focarem em um objetivo que, em comparação com o capitalismo, consiste em suprir as necessidades básicas da população com condições e pré-requisitos éticos de trabalho, ao mesmo tempo em que busca a cura de sua gente e dos ecossistemas e locais.

Com a ajuda de bons colegas, estamos há muito tempo imersos no estudo das economias solidárias (Alió e Azevedo, 2013 e Alió 2020) e mesmo agora estamos maravilhados com sua capacidade de responder às necessidades de pessoas e se adaptar às novas demandas e crises que colapsam o dia a dia das pessoas. Também no mundo ocidental, onde ainda se supõe que haja bem-estar e riqueza para todos. Mas onde, o número de pessoas que precisam de atenção e ajuda aumenta a cada dia. Por exemplo, em Barcelona, os indicadores atuais de exclusão social estão em torno de 20% da população total e, principalmente, depois do Covid_19 aumenta ainda mais a cada dia o número de pessoas que precisam de cuidados e ajuda. Esta situação tem levado cada vez mais organizações de cidadãos, incluindo muitas cooperativas, a centrar a sua atividade no cuidado dos grupos mais pobres. Como já fez, por exemplo, a cooperativa *Gimnàs Social Sant Pau*, uma academia de bairro que se adaptou às crescentes necessidades sociais do bairro, oferecendo chuveiros diariamente e roupas limpas para os mais pobres da vizinhança³. Ou a *Fundació Canpedró*, que teve que ampliar seus serviços de alimentação social, lavanderia, higiene pessoal e enfermagem, embora pensem que não deveriam existir e não existiriam se a administração assumisse seus serviços. Mas graças ao que fazemos e a outras iniciativas populares, há pessoas que foram capazes de seguir em frente.⁴

Este estudo propõe uma abordagem sobre as ESS da Catalunha, um pequeno país de pouco mais de 7.500.000 de habitantes, que faz parte do estado espanhol, e que também tem

² Numerosos autores se dedicaram a analisar o que é necessário. De nossa parte, gostaríamos de nos referir a três contribuições que contribuíram de maneira notável para um aprofundamento neste assunto. Referimo-nos a Mamfred Max-Neff (1993), Joaquim Sempere (2009) e o mais recente em decrescimento entre os quais se destaca a pequena obra de Giorgios Kallis e seus colegas (2020).

³ Gimnàs social Sant Pau, <https://www.gimnassocialsantpau.com/>

⁴ Fundació Canpedró, <https://www.laburxa.org/2018/03/entrevista-al-menjador-social->

uma longa história de cooperativismo e que pode servir como exemplo da realidade cooperativista europeia. Principalmente nos tempos atuais, quando o movimento ESS ajudou a transformar o modelo clássico de cooperativa e gerou uma nova onda de crescimento e dinamismo. Para uma ideia mais clara do que significa este tipo de economia na Europa, basta conhecer alguns acontecimentos de 2016, segundo os quais o movimento da ESS europeia atingiu mais de 232 milhões de membros entre cooperativas, sociedades mútuas e outras entidades afins, bem como 13,6 milhões de empregos remunerados, número que representa entre el 10% e el 7% da população ativa dependendo do país (Monzón e Chaves, 2017).

Para tanto, este estudo foi dividido em quatro partes. Uma primeira parte mais descritiva que mostra a situação atual da ESS catalã, seguida por uma segunda parte que aborda a questão relações no mundo das sociedades ESS, entendendo que as estruturas de relacionamento entre elas são um dos fatores que contribuem de forma decisiva para o seu desenvolvimento e consolidação. Segue-se uma terceira parte, que explica em detalhes a situação recente da ESS na área de Conca de Barberà, uma região agrícola que desenvolve agricultura de sequeiro na Catalunha. Aqui são proporcionadas experiências específicas que nos permitem conhecer os pormenores organizacionais e a forma como os seus objetivos de responsabilidade e segurança alimentar e proteção ecológica se transferem para a realidade do dia-a-dia.

Por fim, finalizaremos com uma breve conclusão onde são apontadas algumas reflexões sobre o papel dessas entidades na geração de uma nova forma de compreender suas relações com o espaço. E isso, portanto, nos levaria a considerar sua influência na produção social de um território diferente daquele das economias capitalistas.

A ESS NA CATALUNHA

Os antecedentes da ESS catalã remontam o final do século XIX, com a fundação das primeiras cooperativas de trabalhadores do país, tanto no campo como nas cidades. Entre as primeiras cooperativas agrícolas estão as de ajuda mútua e cooperação para trabalhos de campo e aquisição de produtos por grupos de pequenos produtores de vinho e rabassaires⁵, como aconteceu em Barberá de la Conca em 1893, e Sarral em 1907. Um pouco antes, foi fundado A Redentora, a primeira cooperativa de Barcelona a fabricar telhas e tijolos. Seguida, um ano depois pela Cooperativa, A Flor de Maig, especializada na construção de botas, e que logo foi completada com as seções de poupança e consumo.

⁵ Nome em catalão para designar o trabalhador que cultivava as vinhas durante o tempo de vida da planta. Na Catalunha, houve um movimento político muito importante para reivindicar seus direitos no início do século XX.

O mundo cooperativo catalão tem uma história complexa. Houve um período inicial de forte crescimento até o fim da guerra civil em 1939. A partir daí muitas cooperativas passaram a fazer parte dos órgãos sindicais do novo governo, enquanto outras iniciaram um extenso e doloroso processo de adaptação ao longo do período do regime de Franco.

Posteriormente, durante as décadas de 1980 e 1990, iniciou-se um processo de relativa revitalização, apesar das crises econômicas que, ciclicamente, impediam o desenvolvimento cooperativo. Não deveria ser surpresa, então, que o número de cooperativas decresceu consideravelmente durante aqueles anos. Por outro lado eles tinham uma grande capacidade de se reorganizar e resistir melhor do que as empresas privadas as crises sucessivas que estavam acontecendo. Essa realidade é evidenciada na tabela a seguir que mostra a evolução do número de cooperativas entre 1995 e 2015 (Tabela 1).

Tabela 1. Evolução recente das cooperativas na Catalunha.

	Nº de cooperativas	Nº trabalhadores
1995	7.209	-
1999	5.845	43.631
2007	4.797	39.499
2009	4.894	39.545
2012	4.135	34.499
2014	4.607	42.203
2015	4.212	41.323

Elaboração própria com base em Anna Fernández e Ivan Miró (2016)

Composição das cooperativas

Um equívoco sobre a ESS do mundo ocidental é que, como parte do conjunto econômico dos países ricos, essas economias sociais estão sendo favorecidas por taxas significativas de crescimento dos lucros. Como se fazer parte do subsistema econômico mundial garantisse automaticamente tanto a geração de ganhos de capital quanto a obtenção de lucros altíssimos. Mas a realidade não é essa. Há alguns anos Pablo Guerra (2012) explicava que apesar das diferenças de ESS entre regiões ricas e pobres, em todas elas se constatava que a ESS tem a mesma finalidade de trabalhar com base em critérios colaborativos e contribuir para a satisfação das necessidades básicas em um contexto de produção ética e ecológica. E que, portanto, apesar de suas diferenças inquestionáveis, ele também têm comportamentos semelhantes. No mundo

occidental, também na Catalunha, uma das necessidades básicas da população é o acesso a um trabalho decente, tanto pelo salário quanto por sua dimensão ética e social. Esta questão deve ser levada em consideração se quisermos entender a razão do forte impulso da ESS nos últimos anos. Vamos mostrar alguns detalhes deste atual surgimento da ESS catalã.

Em primeiro lugar, deve ser dito que existem poucas cooperativas de composição tradicional, apenas 212, principalmente de natureza agroalimentar. Um número que, apesar de baixo, não deve menosprezar o esquecimento da sua importância para a manutenção das economias locais, nem os esforços que tiveram de fazer para se reorganizar face à nova paisagem econômica.

Atualmente, contando com a diversidade que compõe o panorama atual das economias sociais e solidárias, e que vão desde as antigas às novas cooperativas, associações e entidades, existem seis modelos organizacionais para entidades econômicas do tipo cooperativa ou associativa (Tabelas 2 e 3).

O primeiro modelo é o das cooperativas tradicionais, seguido de duas novas modalidades, o das cooperativas de trabalho associadas e o das sociedades de trabalho, todas elas pequenas empresas inspiradas em critérios sociais e de colaboração (Tabela 2). Esses dois tipos de cooperativas cresceram drasticamente nos últimos anos e são a causa do fato de o volume total de cooperativas ter chegado a 9.235 entidades.

Tabela 2. Trabalho cooperativo e associado na Catalunha em 2015

Cooperativas	Cooperativas de trabalho associado	Sociedades de trabalho
Nº de empresas		
212	4.000	5.023
Trabalhadores (2017)		
1.500	40.823	6.476

Elaboração própria com base em Anna Fernández e Ivan Miró (2016)

A diferença entre essas duas novas formas de negócios é que as cooperativas de trabalho associadas, com um total de 4.000 entidades, são cooperativas com um pequeno número de trabalhadores que também são membros e contribuem com capital e mão de obra. Enquanto, as sociedades de trabalho, mais de 5 mil, são pequenas empresas que, sem se declararem cooperativas, também são compostas por um pequeno número de sócios, em sua maioria jovens.

A origem de ambos é muitas vezes semelhante por causa das necessidades de uma parte da população jovem interessada em trabalhar de forma ética, não alienada e com o mínimo impacto ambiental possível. Condições que, de outra forma, são difíceis de encontrar no quadro atual de insegurança no emprego e também no aumento do trabalho não estimulante, quando não é claramente supérfluo (D. Graeber, 2018). De fato, dada a difícil dinâmica atual do mercado de trabalho em todo o mundo, pode acontecer que nos próximos anos siga aumentando a demanda de empregos na linha do trabalho social e solidário. Para se ter uma ideia das dificuldades que os jovens têm no acesso ou manutenção do emprego, recorde-se que na Catalunha, entre 1985 e 2000, estimava-se que existiam 77.713 trabalhadores jovens, a maioria bem preparados, em risco de desemprego. A esses números, se somam o crescente volume de jovens que se contentam com empregos precários, ocasionais e mal remunerados. E é, por isso, que a partir do final do século XX, passou a ser comum que muitos desses jovens optassem por capitalizar o subsídio de desemprego, se houvesse, para criar os seus próprios empregos, seja na forma de cooperativa de trabalho associada ou sociedade de trabalho (Fernández e Miró, 2016, p. 50)

Por outro lado não se deve descartar o surgimento de novas necessidades decorrentes do aumento da pobreza, especialmente no mundo urbano. Em Barcelona, por exemplo, como em muitas cidades de outras partes do mundo, os números para grandes contingentes de pessoas em risco de exclusão e pobreza se mantêm em torno de 23,8% (Câmara Municipal de Barcelona, 2018). Assim como, infelizmente, também taxas muito elevadas da falta de determinados serviços materiais, como os serviços de energia, que são estimados em 4,5% da população (TIRADO, 2018).

O Terceiro Setor Social

Além de cooperativas e pequenas sociedades de trabalho, a ESS também possui diversas entidades do chamado Terceiro Setor Social. O Terceiro Setor Social é definido como o conjunto de entidades privadas sem fins lucrativos que trabalham pela inclusão e coesão social, com especial atenção aos grupos mais vulneráveis (Fernández e Miró, 2016, p.74). Dentro deste grupo existem três subgrupos, as associações, sociedades mútuas e as fundações, onde se concentram uma parte importante da ESS, que em alguns estados europeus pode ser até mais numerosa do que as cooperativas. Na Catalunha existem 6.918 entidades no Terceiro Setor Social (Tabela 3), que estima-se representar 2,8% do PIB catalão. Se olharmos apenas para as

associações, que representam 65% deste setor, teremos 402 mil pessoas trabalhando ali, 300 mil como voluntárias e 102 mil com vínculo empregatício.

Tabela 3. Composição do Terceiro Setor Social

	Associações	Sociedades mútuas	Fundações	Total
Entidades	4.420	38	2.480	6.938
Trabalhadores e voluntários	402.000	-	-	-

Elaboração própria com base em Anna Fernández e Ivan Miró (2016).

No entanto, não foi possível obter o número de trabalhadores de fundações ou sociedades mútuas. Na Catalunha, os dados disponíveis das sociedades mútuas indicam que existem 257.000 mutualistas e 822.000 indivíduos protegidos. Dados altos o suficientes para confirmar sua importância na solução de necessidades básicas, incluindo saúde e cobertura de benefícios funerários, metas que as primeiras cooperativas do final do século XIX, há muito tempo tinham estabelecido. Quanto às fundações, em número bastante elevado eles têm situações controvertidas⁶. Mais tarde teremos oportunidade mais tarde de aprofundar e perceber o importante papel que podem desempenhar na prestação de determinados serviços.

A ESTRUTURA DA REDE

Nem todas essas cooperativas, empresas e associações são grandes o suficiente para operar por conta própria. Na verdade, muitas delas são pequenas quando não muito pequenas. Provavelmente é por isso que muitas ESS tendem a colaborar umas com as outras e procuram maneiras de coordenar e ajudar entre eles. É por isso que uma das primeiras características do mundo da ESS é a capacidade de se relacionar, dando lugar à organização de redes de colaboração estáveis e estruturadas.

A primeira e maior rede de associações e cooperativas da Catalunha é a Associação de Economia Social da Catalunha (AESCAT). AESCAT agrupa as principais plataformas de representação das diferentes cooperativas e entidades da economia social e solidária da Catalunha e tem como objetivo defender e concretizar os princípios da economia social e das entidades que dela fazem parte. AESCAT nasceu em 2017 por sugestão das quatro associações

⁶ Incluindo funções e comportamentos muito antipáticos em alguns casos.

existentes. Duas delas, a Federação de Mutualistas e a Confederação de Cooperativas da Catalunha, hoje conhecida como ARA/COOP, existem há muito tempo e com ampla presença no país. Já as outras duas, a Mesa do Terceiro Setor e a Rede de Economia Solidária (XES), são mais recentes. AESCAT é atualmente composta por 7.422 unidades, com um total de 139.202 trabalhadores e uma base social de 2,5 milhões de pessoas, entre cooperados e membros de organizações e sociedades mútuas, quase um terço de toda a população catalã.

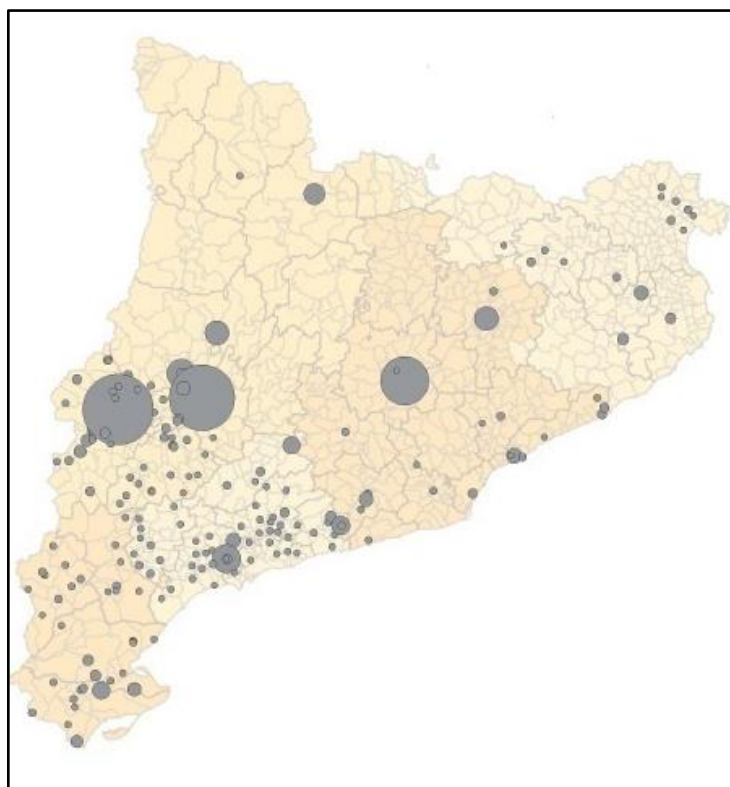
A rede estrutural básica

Esta estrutura de cinco associações - a mesma AESCAT, junto com as outras quatro - permite articular e consolidar uma rede complexa, com diferentes escalas e centros de interesse. As funções destas associações incluem a organização das relações com outros órgãos e administrações, bem como a organização interna. Entendendo como tal as atividades e a relação entre as entidades parceiras. Um exemplo do que estamos dizendo é uma breve apresentação da organização interna de uma dessas quatro associações, a Confederação de Cooperativas da Catalunha (ARA / COOP), composta por cinco confederações temáticas. A maior, com 195 cooperativas, é a confederação de cooperativas agrícolas (Figura 1), muitas das quais têm suas origens nas primeiras cooperativas agrícolas do início do século XX de que foi falado.

Há também a confederação de cooperativas de consumo, que reúne mais de quatro mil voluntários e quase 1.500 trabalhadores. Essa confederação também é importante e reúne algumas grandes cooperativas de venda de alimentos e outros produtos, como livros e material escolar, além de um grupo de pequenas cooperativas de consumidores urbanos e produtores locais, que serão discutidas posteriormente.

Seguem mais três confederações. Educação com 40 cooperativas e construção com 10 cooperativas. Por fim, a quinta confederação é a confederação do trabalho, que congrega muitas das cooperativas de trabalho associado já discutidas, e que contrastam com as anteriores por serem mais recentes e compostas por um número reduzido de trabalhadores.

Figura 1. Localização das cooperativas agrícolas na Catalunha.



Fonte: Anuário socioeconômico das cooperativas agrícolas da Catalunha⁷, 2020.

Além dos serviços tradicionais deste tipo de associação, como jurídicos e culturais, o surgimento da economia solidária tem levado ao surgimento de outros benefícios. Por exemplo, o XES oferece ajuda às suas associações para a realização de um autorrelatório social anual e uma autoauditoria ambiental. Especificamente, o serviço consiste em preparar a metodologia a seguir, para garantir a cobertura dos temas mais relevantes e para que os resultados sejam comparáveis e possam ser avaliados e discutidos em conjunto no âmbito de workshops específicos organizados pelo mesmo XES. Em 2018, cerca de metade de suas organizações, 226 especificamente, haviam realizado o balanço social e 181 haviam concluído a auditoria ambiental.⁸

A disseminação do modelo cooperativo e solidário.

A crescente importância da ESS tem fomentado também outras formas de relacionamento com a sociedade em geral e o estabelecimento de serviços dirigidos às novas

⁷ O tamanho do círculo é proporcional ao volume de faturamento

⁸ www.xes.cat

gerações urbanas com uma cultura ambiental e social mais exigente. Por este motivo, nos últimos anos têm surgido serviços e ações que contribuem para uma melhor divulgação das tarefas e da oferta cooperativa junto da população como um todo. Entre essas ferramentas de divulgação, existem duas muito importantes:

A primeira é a Feira de Economia Social e Solidária. Antes desta feira há uma longa história de pequenas feiras e mercados ao longo do ano, que há muito tempo são realizados de forma rotativa nos povos, bairros e cidades, juntamente com artesãos, agricultores orgânicos e empresários de tecnologias alternativas. Como em outros países do mundo ocidental, esses mercados e feiras têm uma longa tradição e a ESS gradualmente assumiu o centro do palco. A diferença surgiu em 2007, quando a XES organizou a primeira Feira de Economia Social e Solidária.

A Feira de Economia Social e Solidária foi uma verdadeira novidade por se dedicar inteiramente a iniciativas econômicas alternativas, comparado com aqueles que já eram regularmente organizadas em Barcelona com grandes orçamentos, dependentes dos grandes atores tecnológicos e financeiros globais. Assim, pela primeira vez, foi divulgado que havia uma outra forma de entender a economia e colocá-la em prática. A exemplo de outras feiras semelhantes que também se realizam regularmente em outras grandes cidades europeias, a Feira de Economia Social e Solidária tornou-se o principal ponto de encontro de entidades e projetos de cooperação de economia social com a população e os diferentes atores no mundo. O movimento catalão pela solidariedade e transformação ecológica tornou-se também um campo de testes para experimentar moedas alternativas, onde expositores e visitantes concordavam em fazer o uso ecologicamente correto em suas trocas e vendas. Além disso, a Feira programa atividades culturais e oficinas sobre temas relacionados à economia solidária. Em 2019, esta Feira reuniu 200 expositores, acolheu mais de uma centena de workshops e seminários e contou com a presença de 14.000 visitantes. Para este ano de 2020, devido à COVID-19, a mesma será realizada em formato remoto.

O segundo serviço é o mapa telemático *Pam a Pam*, onde se indica a localização das iniciativas de economia social da Catalunha. Este projeto é uma iniciativa conjunta da XES e SETEM, federação estadual de associações não governamentais para o desenvolvimento social, para responder as pessoas que lhes perguntavam como poderiam consumir com mais responsabilidade e viver mais consistente com os valores éticos e de proteção ambiental. *Pam a Pam* teve início em 2013 e cinco anos depois, em 2018, já existiam 301 pontos onde apareciam

os endereços de cada estabelecimento com a sua geolocalização e uma breve descrição dos produtos e serviços que oferecem. Hoje, o *Pam a Pam* ainda está operacional e o número de locais mapeados está aumentando constantemente. O mapa é feito de forma colaborativa entre os próprios usuários, e o servidor e a estrutura telemática contam com o suporte da Pangea, uma das principais figuras da internet ética e solidária.

Por outro lado, há alguns anos a XES e a ARA/COOP começaram a promover a cooperação e ajuda mútua entre a população que pudesse ter interesse na ESS, seja para questões estritamente relacionadas com os seus valores sociais e ecológicos, como pela sua utilidade na preparação de novas empresas. Neste contexto, é muito interessante o trabalho da ARA / COOP com o programa Ateneus Cooperativos, que consiste em promover espaços de encontro e serviço em diferentes pontos do território para fomentar a aprendizagem, a reflexão coletiva, a cooperação e a transformação social, rumo a um modelo socioeconômico sustentável e centrado nas pessoas. O Ateneus Cooperativos também ajuda a criar e consolidar outros projetos ecológicos ou solidários. Normalmente, a atividade do Ateneus é presencial, mas também são realizadas oficinas virtuais. Atualmente existem quatorze unidades ativas de Ateneus, distribuídas por todo o território, formadas por associações e entidades em cada área em questão. Também contam com o apoio de órgãos públicos, com os quais passam a testar instrumentos públicos-privados de fomento às sociedades cooperativas e solidárias.

Redes intermediárias e de proximidade

Até agora, essas estruturas poderiam ser definidas como formais ou corporativas. Mas, para além disso, as entidades ESS têm também outras duas estruturas que também são importantes, porque também se relacionam entre si além de se relacionarem com a federação ou associação que as acolhe e protege. Assim como com a população, que em termos econômicos, pode-se dizer que molda seu mercado ou ambiente de serviços.

Por isso agora entraremos em formas de relacionamento mais informal, dependendo da atividade e do dia a dia das entidades. Portanto, é uma rede dinâmica, muitas vezes composta por relações de curta distância e muito funcionais, onde é fácil atuar com critérios de solidariedade e ajuda mútua. Às vezes, devido à importância das relações de vizinhança, podemos falar de uma rede local. Por exemplo, a rede entre vinte cooperativas e associações no distrito de Sants, em Barcelona, formando um pequeno, mas muito denso, ecossistema social, comercial e de serviços. No entanto, esta proximidade não exclui interações com indivíduos e

entidades distantes com as quais mantêm ligações muito boas devido ao trabalho que realizam e a elevada competência telemática de muitas delas.

Dependendo dos interesses e funções das entidades, podemos falar de diferentes tipos de redes. Teríamos, assim, redes de vizinhança, que normalmente são funcionalmente heterogêneas, mas unidas por a proximidade local. Por outro lado, estão as redes altamente especializadas, como educação e finanças. Os que trabalham com finanças estão entre as redes mais desenvolvidos porque são compostos por três subsistemas muito distintos, o da sede de la cooperativa, o da população que colabora no financiamento e que normalmente está localizado relativamente próximo um do outro, e a terceira, o projeto a ser financiado, que pode estar ou não relativamente longe da sede da cooperativa financeira. A cooperativa Coop57, que foi fundada em Barcelona na década de 1970 e financiou um grande número de iniciativas de economia social em áreas rurais poderia ser um exemplo dessas redes⁹.

Ao lidar com o assunto das distâncias, o assunto do crescimento surge quase sem pensar. No entanto, o crescimento é uma evolução ambivalente para muitas ESS. Por um lado, porque vem do paradigma segundo o qual o pequeno é melhor que o grande, e por outro lado, porque a atividades dependem do trabalho voluntário, que é difícil de ter a partir de um certo volume de empregos. A dificuldade de trabalhar nestas circunstâncias permite-nos compreender a tendência de atuar de forma coordenada entre pequenas unidades cooperativas quando surgem as exigências do aumento de clientes, serviços e parceiros. Por vezes, também pode haver respostas muito mais evoluídas, como a que foi adotada inicialmente para o mesmo Coop57 quando ele soube o sucesso de seu modelo de financiamento e o interesse que despertou em algumas regiões da Espanha. O que a levou a adotar a opção da rede de federação que é sua atual estrutura operacional (Alió e Azevedo, 2015).

Existem outras maneiras possíveis de cooperar. Uma delas é a organização de grupos cooperativos que atuam como pequenos núcleos de solidariedade entre entidades, principalmente em cidades onde o elevado número de associações de ESS facilita muito esse tipo de intercâmbio. É o caso, por exemplo, do Grupo Eco¹⁰ formado por 18 cooperativas de serviços terciários, incluindo seguros, engenharia e urbanismo, jurídico, limpeza, correio e cultura, entre outros. Todas essas cooperativas concordam com critérios básicos de solidariedade, que inspiram tanto o comportamento interno, quanto o relacionamento com os

⁹<https://www.coop57.coop/ca/catalunya>

¹⁰ <http://grupecos.coop/>

respectivos clientes e usuários. Todas fazem o balanço anual de acordo com os critérios já mencionados na XES e o tornam público. Do mesmo modo que fazem planos de manejo comuns, também possuem um programa de investimento coletivo e fazem ofertas e demandas conjuntas de determinados serviços que vão além de sua especialidade. Ao mesmo tempo, individualmente, eles mantêm sua especificidade e funções. Por exemplo, as cooperativas do Eco Group incluem IACTA, que é um escritório de advocacia que trabalha com uma perspectiva de gênero, e *El Trevol*, que fornece serviços de correio e limpeza. São, portanto, duas cooperativas bem distintas com trajetórias distintas. *El Trevol* data de 1984 por ocasião de uma greve de trabalhadores de uma empresa de correio que foram demitidos e atualmente é uma cooperativa consolidada em Barcelona. Em contraste, IACTA é muito mais recente. Foi formada em 2012 com três advogadas sócias e atualmente conta com seis sócias e um advogado sócio, além de duas trabalhadoras em regime de meio período. Especializada na prestação de serviços jurídicos a pessoas com poucos recursos ou em risco de exclusão, aposta numa abordagem proativa do seu trabalho, que visa sensibilizar os seus clientes para os seus direitos.

Finalmente, existe outra maneira de se organizar de maneira mais formal, através de cooperativas de Segundo Grau, constituídas por um sistema de aliança estável entre cooperativas, para promover, coordenar e desenvolver atividades comuns entre todas as entidades associadas. Esse tipo de cooperativa é encontrado tanto em cidades e ambientes densos e complexos quanto no mundo rural.

Cooperatives e associações no mundo agrícola

Anteriormente, tivemos a oportunidade de comentar a importância do cooperativismo agrícola, difundido na Catalunha em âmbito rural (Figura 1), com mais de 30.000 associados. Pouco menos de um terço da população agrícola ativa, embora por si só seja extremamente pequena. Embora, comparativamente, a área agrícola é bastante elevada, quase 30% do país, o que é um número que revela a importância da agroalimentação na Catalunha.

No entanto, esses dados não expressam suficientemente a realidade do mundo agrícola ou o que o mundo cooperativo representa. Basicamente por dois fatores: o primeiro é a preocupação e envolvimento de parte significativa da população urbana com a problemática camponesa e o que ela representa tanto para a segurança alimentar quanto para a proteção dos ecossistemas. A tal ponto que na Catalunha as mobilizações e demandas dos espaços agrícolas se localizam principalmente em torno dos grandes centros urbanos (M.A. Alió, M. Casanovas

e D. Giachino, 2017). O segundo fator é que as cooperativas e o mundo emergente da ESS agrícola, fazem parte do conjunto de atores que garantem a comercialização da produção camponesa no âmbito dos circuitos locais e sem depender dos grandes circuitos globais.

Neste ponto se apresenta o movimento da ESS agrícola como sendo dividido em duas partes. Uma sobre associações, grupos e empresas que se dedicam a facilitar a distribuição de produtos agroalimentares entre a população urbana catalã com critérios sociais e de sustentabilidade. A segunda parte concentra-se na análise detalhada e qualitativa das empresas de economia solidária em uma pequena área de agricultura de sequeiro.

Cooperativismo e economias solidárias nas redes do mercado agroalimentar.

Historicamente, o consumo é uma das áreas em que o cooperativismo tem desempenhado um papel decisivo. A alimentação sempre foi um de seus objetivos prioritários. E agora, ainda é uma das linhas de ação mais importantes do movimento da ESS.

A sua história recente remonta os anos setenta, no século passado, com a fundação de ‘El Brot’¹¹, a primeira cooperativa de consumo agroalimentar orgânico da Espanha que possibilitou a conexão direta entre o mundo dos agricultores e o mundo urbano (Alió e Azevedo, 2015). Ou seja, entre a produção e o consumo orgânico de alimentos, numa espécie de sistema de relações entre dois subsistemas tradicionalmente muito diferenciados, onde parecia que apenas a empresa privada, com a figura dos intermediários, era o único agente que poderia intervir. Nos mesmos anos, também começaram a surgir as primeiras cooperativas de agricultores, com o objetivo de comercializar produtos principalmente de horta em algumas cidades.

Desde então, este modelo de alianças entre o mundo cidadão e o mundo camponês continuou a crescer, diversificando-se e tornando-se mais complexo. Apenas alguns dados para entender essa evolução. Desde os seus primórdios até a primeira década deste século, houve uma fase muito intensa de crescimento constante de associações e grupos para organizar as relações entre os parceiros de produção e os consumidores, principalmente na zona de Barcelona e também no outros subcentros urbanos. Essa fase expansiva, complementar ao surgimento e crescimento das empresas privadas de produção e distribuição, começou a desacelerar principalmente devido ao grande volume a ser administrado, o que pouco se

¹¹ <https://elbrot.cat/>

coadunava com os critérios de autogestão que eles presidiam o seu funcionamento. Para lidar com isso e recuperar um sistema de boa gestão compatível com o cooperativismo autogestionário, algumas grandes cooperativas que foram fundadoras desse movimento, como a Germinal¹², se subdividiram em cooperativas menores, permitindo continuar com os mesmos objetivos e funcionamento cooperativo do começo.

Do mesmo modo, a grande rede *EcoConsum*¹³ e a *Cooperativa Integral catalã* (CIC) que estava em operação há anos (Alió e Azevedo, 2015) seguiram um processo de dissolução semelhante. Ao mesmo tempo em que o número de novas cooperativas surgiam o em todos os lugares e se multiplicavam. Principalmente nas grandes cidades, como 30 *Panxes*¹⁴, no bairro de *La Sagrera*, as *Consum Crític Arrels*¹⁵ do distrito del *Eixample* ou da *L'economat Social*¹⁶ em *Sants*. E o mesmo aconteceu com as redes de distribuição, as quais foram adicionadas ferramentas telemáticas oficiais, como a que já foi discutida no mapa *Pam a Pam*, ou aquelas que se formaram recentemente em torno do movimento agroalimentar, *Sou el que mengeu*¹⁷, composta por uma rede de produtores agropecuários, restaurantes e cooperativas de consumo chegando em 45 entidades e concentrando algumas das antigas e também novas.¹⁸

A última etapa no processo de abertura de novas portas na ação cooperativa de consumo alimentar, tem sido a proposta de expansão de grandes mercados cooperativos. No momento em Barcelona e Manresa, uma cidade média com mais de 80.000 habitantes, está em andamento dois projetos de abertura de supermercados cooperativos. Parece que esses dois projetos, que poderiam ser seguidos por dois outros projetos nas cidades de Mataró (130.000 habitantes) e Olot (35.000 habitantes), estão na mesma linha que os de Nova York, com 20.000 sócios e La Louve, em Paris.

O projeto cooperativo do supermercado de Manresa está previsto para começar com 700 cooperados que participarão do dia a dia do mercado e com uma colaboração voluntária de 3 horas mensais. A priorização da proximidade do produto, que pode ser ecológico certificado, o de origem conhecido, também faz parte das novas formas de entender o consumo, em consonância com as novas culturas urbanas e ambientais. Por outro lado, *Frescoop*¹⁹ e

¹² <http://www.coopgerminal.coop/web/>

¹³ EcoConsumo, https://supermercatsnograncies.files.wordpress.com/2008/03/mapa_ecoconsum.pdf

¹⁴ 30 Barrigas, <https://30panxes.wordpress.com/>

¹⁵ Associação Raízes do consumo crítico, <https://www.facebook.com/Cruilla/posts/999684710104600/>

¹⁶ <https://leconomat.queviure.cat/ca/>. O *economat* é o nome que tradicionalmente designava os estabelecimentos onde os produtos podiam ser adquiridos a preços vantajosos.

¹⁷ Você é o que você come, <https://etselquemenges.cat/>

¹⁸ Você é o que você come <https://etselquemenges.cat/comunitat>

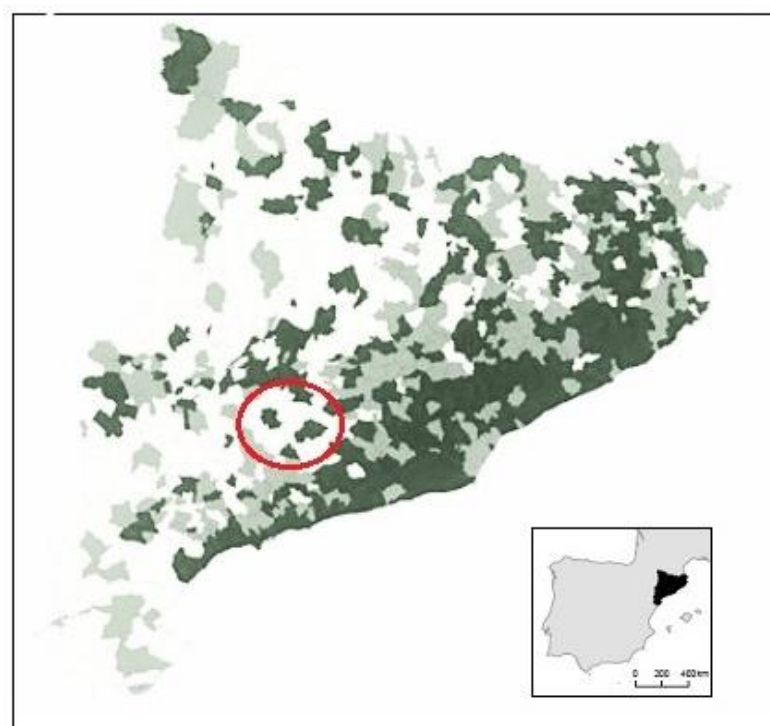
¹⁹ FrescoCoop, <http://frescoop.coop/>

*MengemBages*²⁰, duas cooperativas que promovem o consumo solidário e a alimentação orgânica na região, também colaboram com o projeto deste supermercado. Em suma, um projeto que, para concluir esta seção, parece confirmar o que já foi dito sobre os processos de substituição do modelo capitalista. Neste caso os supermercados, uma de suas figuras mais emblemáticas.

As cooperativas da agricultura de sequeiro catalã. Abordagens sobre as novas ESSs no campo catalão

Gostaríamos de terminar estas páginas fazendo uma breve incursão na ESS de uma pequena área agrícola catalã (Figura 2). Uma área que, se não contar os habitantes de suas capitais, onde as economias industriais e os serviços dominam, mal chega a uma área de apenas 20.000 habitantes. Esta é a área que inclui a Conca de Barberà, a bacia dos rios do Corb e do Sion e as montanhas do Alt Camp. Todos eles com culturas de sequeiro, principalmente vinhas, cereais e gado.²¹

Figura 2. Localizaçao de la zona d'estudo



²⁰Anem a mengar el Bages, <https://www.mengembages.coop/mbages/ca/>

²¹ Esta é a área coberta pela região de Conca de Barberà e suas áreas limítrofes com os condados vizinhos de Alt Camp, La Segarra e Urgell.

Fonte do mapa: IDESCAT. 2020. Expectativas de crescimento populacional na Catalunha em 2030.

Esta aproximação ao mundo das novas cooperativas no mundo rural está baseada no estudo que teve a oportunidade de ser realizado nos últimos anos cerca de oito empresas que fazem parte do grande movimento da ESS visto até agora. Especificamente, são duas cooperativas, três cooperativas de trabalho associadas, uma fundação, uma associação e uma sociedade de trabalho. Mas, antes de entrar nos detalhes de cada uma delas, é necessário explicar alguns aspectos do movimento cooperativo na área.

Cooperativas vitivinícolas históricas e sua adaptação aos nossos dias.

La Conca de Barberà é um dos territórios vitivinícolas emblemáticos do movimento cooperativo agrícola Catalão. Como já foi dito, duas das suas cooperativas, a de Barberá e a de Sarral, foram as primeiras de um conjunto de mais de trinta iniciativas sociais, arquitetônicas e de engenharia que constituem o movimento histórico da cooperação vinícola catalão. Na Conca de Barberà houve 10 municípios onde estas cooperativas foram constituídas, alguns deles com duas em cada município. As dificuldades que surgiram após a Guerra Civil espanhola já foram explicadas, primeiro pela repressão franquista às iniciativas populares e também, com o passar dos anos, pela pressão de agir no âmbito de um modelo dominante cada vez mais capitalista.

No entanto, essas cooperativas foram as que possibilitaram a manutenção da economia do viticultor durante todos esses anos. Ressalta-se que as cooperativas eram responsáveis pela gestão econômica e pela pesquisa e distribuição dos produtos no mercado. E que, quando possível, abordavam as transformações tecnológicas dos sistemas de vinificação. No entanto, existem atualmente apenas três cooperativas baseadas na área das dez iniciais. Uma delas, a de Sarral, por ter feito um grande esforço de modernização tecnológica e ter aumentado o número de parceiros com a incorporação de agricultores de municípios vizinhos. Outros dois conseguiram isso por meio de parceria com duas cooperativas em seus respectivos municípios vizinhos. As outras cinco cooperativas, elas fizeram parceria com dois grupos maiores de cooperativas de vinho de áreas mais remotas.

Por outro lado, é importante mencionar que a economia da região também se apoia na produção de cereais, principalmente trigo e cevada. Que, por sua vez, e desde 1959 também conta com uma cooperativa de centralização da produção e comercialização, que também tem sido um fator chave na manutenção deste setor da economia camponesa.

No entanto, principalmente a partir do final do século passado, quando a transformação ecológico-agrícola começou a se concretizar, todas essas cooperativas não fizeram nenhuma dessas mudanças. Isso explica por que as novas gerações que queriam fazer a mudança no sistema ecológico o fizeram fora das estruturas das cooperativas. Daí surgiram algumas fazendas de jovens agricultores interessados na viticultura orgânica e em formas mais evoluídas de permacultura e biodinâmica²², situação que perdura até hoje.

Embora, finalmente, em 2018, a cooperativa Sarral abriu a sua linha de produção orgânica. E parece que em breve as demais cooperativas farão o mesmo

A nova geração ESS

A questão da agricultura biológica foi levantada por se tratar de um fator-chave nas novas entidades da ESS, importante no que se refere aos valores sociais e solidários. A seguir, um breve resumo dessas entidades ESS seguindo a ordem cronológica de sua constituição.

A primeira cooperativa a se instalar na área, com uma personalidade que já apontava para o que anos depois seria a ESS, foi a L'Olivera²³, atualmente uma das maiores cooperativas de ESS na Catalunha. Os seus primórdios remontam os anos setenta, do século passado, com a chegada a Vallbona de les Monges como um grupo de solidariedade e apoio às pessoas com deficiência que havia se instalado em Barcelona mas não encontrava um sistema decente para a subsistência de companheiros, passando a se instalar no município de Vallbona a partir da ajuda inicial da comunidade de freiras do mosteiro e realizando trabalhos agrícolas temporários. A partir daí, foram organizando-se de forma mais sólida até se tornarem uma cooperativa formal de trabalho com a ajuda e cuidado de sócios com deficiência que, dependendo das suas possibilidades, participam na vitivinicultura e na olivicultura, cooperativa com sistema ecológico (Alió e Azevedo, 2015). A L'Olivera é atualmente uma fazenda com uma área que compra terras de sua propriedade e também de outros fazendeiros que emigraram para a cidade. Na mesma quinta região, encontra-se a casa dos sócios e trabalhadores, a adega e um lagar de azeite e conta com cerca de 60 sócios, entre pessoas com deficiência e que se dedicam a cuidar e gerir o funcionamento da instituição. A L'Olivera é uma das cooperativas mais conhecidas da economia social da Catalunha (Guirado et al., 2013) e está totalmente consolidada e em expansão.

²² E atualmente oferecem produtos de alta qualidade.

²³ <https://www.olivera.org/php/index.php>

Como já mencionado, um dos desafios das cooperativas que conseguiram superar a fase inicial e se consolidar com sucesso é o crescimento. Precisamente em um momento em que o surgimento de necessidades de cuidados para pessoas com deficiência contrasta com a escassez de instalações bem preparadas para cuidar delas. Por este motivo, após um intervalo de teste entre diferentes opções, a L'Olivera optou pela replicação de outras unidades em outros locais com o mesmo modelo do núcleo fundador de Vallbona de Les Monges. Com efeito, já há alguns anos funciona na serra de Collserola, no município de Barcelona, um segundo estabelecimento L'Olivera, que também se especializou na recuperação de vinhas velhas com o mesmo sistema de agricultura biológica (Azevedo, Perxacs e Alió, 2019). E também está preparando um terceiro estabelecimento em colaboração com outro que também tenha experiência em agricultura social e ecológica.

A poucos quilômetros de Vallbona de les Monges, está a Fundação APRODISCA²⁴, A Montblanc, que surgiu em 1985 como uma associação com o objetivo de dar apoio e emprego à comunidade com deficiência da região, com a organização de pomares e locais para a produção de produtos de jardinagem. Por motivos administrativos, logo evoluiu para uma fundação sem fins lucrativos, participava com outras cooperativas e fundações de um programa de fornecimento de cantinas escolares de diferentes escolas públicas. Há alguns anos a APRODISCA foi ampliada com uma segunda unidade no município de La Selva, onde também está localizada a sede.

Dois anos depois, em 1887, surgiu a Hortec, o segundo projeto cooperativo em Blancafort, uma cidade próxima a Montblanc, capital da região, e liderada por Salomé Torres. Este projeto é composto por cerca de vinte agricultores com suas fazendas correspondentes localizadas em diferentes partes da Catalunha.²⁵ De forma que todos possam oferecer produtos diferenciados adaptados à evolução sazonal. Nabos, cebolas e outros tubérculos e frutos no caso de Blancafort. Eles estão sediados no mercado central de Barcelona, de onde distribuem para varejistas e cantinas escolares.

Já nos anos noventa, surgiu um segundo subconjunto, que consiste em três pequenas cooperativas de trabalho associado dedicadas aos cereais. A primeira delas aconteceu no setor da Baixa Segarra, com sede em Santa Coloma de Queralt / Argençola, no centro da grande área cerealífera Catalã. A experiência veio da mão de Josep Mestre, produtor de cereais que por

²⁴ Abreviaturas do nome completo do Fundação: Associação para Pessoas com Deficiência Mental da Conca de Barberà.

²⁵ Os agricultores e suas fazendas podem ser identificados em <http://hortec.org/la-cooperativa/>

motivos de saúde fez a transformação da agricultura industrial para a orgânica. Neste momento, este agricultor é um guia de referência para as jovens gerações de agricultores interessados em fazer a transformação para sistemas de produção orgânica de cereais. E também na elaboração de farinhas e no estabelecimento de novos mercados. Quase sempre perto, um desses grupos de jovens é La Garbiana, em Torroja de Segarra, com quatro jovens agricultores que usam sementes nativas, seguindo os ritmos rotativos dos cereais e leguminosas e fazendo a sua própria farinha, de altíssima qualidade. E também reproduziram o mesmo sistema de comercialização com produção própria de farinhas e vendas locais e pela internet. Onde, é claro, o papel de Pam a Pam e de outros mecanismos de pesquisa telemática na área contínua sendo fundamental nesse processo. Por fim, a terceira cooperativa de trabalho associada é a L'Aresta, que se encontra no município de Sta. Coloma de Queralt e dedica-se à produção de pão e outros produtos de pasteleria com farinha da quinta de Josep Mestre. Para além desta ligação, mantém ligações com o mundo rural através da obtenção de lenha do forno, das matas da zona e da organização de atividades educativas relacionadas com o mundo dos cereais e do pão artesanal. Ele também coordena o programa Coop / Camp d'Ateneus Cooperatius na região de Tarragona, o qual é um dos mais falados atenienses.

A pecuária, em harmonia com a natureza e com respeito aos animais, é condição indispensável para a transformação ecológica do mundo rural. E a fazenda de gado é o objeto das duas entidades restantes a serem apresentadas. La Gaiata²⁶ é o primeiro deles. Foi fundada em 2009 com o projeto Ramats al Bosc²⁷. Este projeto teve início na pequena localidade de Querol onde um rebanho de cerca de 100 cabras e ovelhas tem como principal função contribuir para a manutenção das florestas de Alt Gaià. No inverno, complementa esta atividade com longas estadas nas florestas do município de Sant Boi de Llobregat, na área metropolitana de Barcelona, onde realiza as mesmas tarefas de manutenção. Além disso, Ramats al Bosc é uma das entidades dinamizadoras da profissão de pastor na Catalunha e um dos promotores da Escola de Pastores que, desde há muitos anos, se ensina aos Pirinéus, bem como se desenvolve atividades de Educação ambiental. Finalmente, a última entidade é chamada de La Segalla²⁸ e é constituída como empresa de mão-de-obra no concelho de L'Albiol onde se dedica a pecuária

²⁶ <http://www.ramatsalbosc.org/qui-som.html>

²⁷ <http://www.ramatsalbosc.org/qui-som.html>

²⁸ <http://www.lasegalla.cat/>

com cabras que contribuem para a manutenção das florestas do setor, fazendo queijos de altíssima qualidade com certificação ecológica.

Ecologias agrícolas e relações cooperativas

Anteriormente, falamos sobre como as ESSs estabelecem sistemas de relacionamento que lhes permitem compensar seu pequeno tamanho e eles os ajudam a superar os desafios em seu trabalho diário.

No caso dessas entidades que estamos falando, essa situação também ocorre. Em particular gostaríamos de nos deter em algumas das relações que se estabelecem entre o mundo social e pessoal, por um lado, e o mundo da agricultura orgânica, por outro, porque, neste ambiente, a agricultura orgânica ultrapassa o nível de abordagem unidimensional da agronomia, abordando uma dimensão mais complexa das relações da sociedade com a natureza e o território.

Um desses relacionamentos é aquela que se estabelece entre o agricultor e a terra. E também entre o pastor, o gado e as florestas e pastagens. Essa relação se traduz em muitos detalhes do dia a dia e percepções pessoais sobre o escopo de seu trabalho. Para alguns, como Salomé Torres, o cultivo ecológico de seus campos *faz você se sentir livre e não escravo do trabalho, ao mesmo tempo que se conscientiza de que ajuda a proteger o meio ambiente e a biodiversidade*.²⁹ Para este agricultor, saber disso lhe dá satisfação pelo trabalho que realiza.

A satisfação com esse tipo de relação livre e responsável entre o trabalho e seu ambiente também se encontra nos integrantes da La Garbiana, que conseguem elaborar um discurso que expressa o sentimento de liberdade de que gozam quando têm consciência de sua responsabilidade porque, pensam, *que a economia deve ser baseada na realidade, sempre respeitando o meio ambiente e entendendo o ser humano como um indivíduo livre e criativo*.³⁰

A segunda forma de relacionamento se estabelece interagindo com as redes sociais, desde relações muito simples como a ajuda mútua com os vizinhos e dentro da cooperativa, até as mais complexas, onde a cooperação é mais que uma questão pessoal de empatias e sinergias individuais. Uma característica muito visível de todas essas experiências é a relevância das circunstâncias sociais e pessoais que acompanham os processos de transformação que vão além

²⁹ <https://ruralcat.gencat.cat/documents/20181/335510/DLFE-11220.pdf/5a66a3a5-7f70-4fc9-af5c-577c810ba8d0>

³⁰ <http://femcaden.com/productors/la-garbiana/>

da simples mudança mecânica e tecnológica. Às vezes, como em L'Olivera, essa cooperação pode se tornar complexa, e às vezes complicada, dadas as características pessoais dos parceiros, todas igualmente necessárias, mas mostrando a cada um deles que cada um tem suas próprias deficiências e precisam se complementar.

Uma das formas mais interessantes de identificar como a se concretiza cooperação é analisando como se configuram os processos de financiamento para aquisição e manutenção de máquinas. A L'Olivera, que desenvolveu uma atividade indiscutivelmente ambiciosa, quer porque reconstruiu o edifício onde se encontram as casas, quer porque se expandiu e se aperfeiçoou, teve necessariamente que recorrer a financiamentos externos, embora sempre tenha estado ligada ao banco ético com a cooperativa Coop57 entre uma das mais emblemáticas.³¹

Por sua vez, La Garbiana, por ser menor, teve menores necessidades de financiamento, mas também teve que fazê-lo em algumas ocasiões. A princípio, quando se constatou que não havia possibilidade de distribuição de seus produtos fora do mercado convencional, o que de outra forma condicionava a perda do valor ecológico de seu trigo, resolveu comprar o moinho para fazer a farinha que então seria distribuída no mercado. O que ele teve que fazer colaborando telematicamente com o sistema de *werkami*. E também obter em troca o conhecimento de muitos novos compradores em potencial para suas farinhas.

Outra experiência, muito humilde mas também muito representativa do que está sendo discutido, é o que vivenciou Josep Mestre nos estágios iniciais da cooperativa quando teve que adquirir uma máquina de filtrar grãos que ultrapassava os orçamentos que ele tinha. O que o levou a abordá-lo junto com dois fazendeiros da região que também precisavam dela e depois o utilizaram de forma coordenada. Uma ação típica de ajuda mútua que se conecta com práticas ancestrais tradicional.

A organização de redes de mercado é outro desses tipos de relações, que vão desde enredos muito simples a enredos mais complexos. Começando com vendas locais e compradores de municípios vizinhos, então passando para vendas e distribuição pela Internet e em mercados um pouco mais distantes, como Igualada, Reus e Barcelona. Por fim, vendas mais

³¹ No artigo que fizemos em conjunto com o nosso colega Francisco F. Azevedo (Alió e Azevedo, 2015) tivemos a oportunidade de fazer uma introdução à análise desta entidade. Por outro lado, merece um estudo mais amplo e aprofundado. Eu verei: <https://www.coop57.coop/ca/catalunya>

especializadas como as da L'Olivera, que complementam as demais modalidades de vendas em segmentos de mercado altamente especializados.³²

Isso sem falar nas redes que se organizam em torno das atividades educacionais da L'Aresta, um tema sobre o qual não podemos agora nos expandir, mas que forma uma notável diversidade de pessoas e inter-relações que há poucos anos, quando passaram pelo processo inicial, podiam estar muito fracos, mas com o tempo cresceram e se consolidaram.

A TÍTULO DE CONCLUSÃO: A ESS NOS PROCESSOS DE UM NOVO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL

Entende-se que, em um contexto territorial como este, escassamente povoado e com muitos idosos, o surgimento de outro modelo de economia, trabalho e território é fundamental para gerar expectativas de mudança. O que pode ajudar muitas novas gerações a encontrar incentivos para viver e trabalhar nos lugares onde nasceram. Em um contexto profissional que lhes permite realização pessoal.

Esta pode ser a primeira descoberta de que a ESS também é necessária no países europeus Outra observação sobre as necessidades dessas regiões ricas é o fato de serem igualmente essenciais na cidade, aspecto que não pude me deter em detalhes, mas no qual já foram vistos alguns indícios. Da mesma forma, sua capacidade de adaptação usando múltiplos sistemas de relacionamento e colaboração entre eles também foi estabelecida.

Em termos resumidos, pode-se dizer que, de fato, a ESS veio para ficar e continuará a se expandir. Talvez agora que estamos prestes a encerrar esta breve rota pela ESS do mundo europeu, talvez possamos retornar ao que foi dito por P.Singer (1994) quando afirmou que as ESS estão abrindo caminho para uma nova economia que substituirá o modelo capitalista dominante baseado em grandes empresas globais.

Finalmente, e da geografia, gostaríamos de encerrar levantando a possibilidade de que a ESS também esteja preparando formas de ordenamento territorial social e solidário, provavelmente a partir da conexão dos lugares com seus ecossistemas, bem como entre lugares. Uma organização muito mais preparada para lidar com os ciclos de crise que se aproximam neste milênio e que parecem se desenvolver a partir de pessoas e pequenas unidades locais, porque são as pessoas que trabalham o meio ambiente e podem modular a expansão e

³² A L'Olivera tem um acordo com a Câmara Municipal de Barcelona para fornecer o vinho consumir no seus atos oficiais.

composição das economias pelas relações que mantêm com outros lugares ou outras pequenas unidades como a sua.

Entende-se que, em um contexto territorial como aquela de áreas agrícolas de sequeiro, escassamente povoado e com muitos idosos, o surgimento de uma população jovem com outro modelo de economia, trabalho e território é fundamental para gerar expectativas de mudança.

Pode-se dizer que as experiências vividas confirmam que estamos perante um núcleo de transformação enraizado no seu território, nas suas gentes e no seu ambiente com critérios diversos. Na verdade, a maioria dessas entidades está pensando em uma maneira de se desenvolver diferente daquela dos círculos financeiros globais ou de interesses econômicos vindos de outros lugares. Para eles, o desenvolvimento é um processo que se desenvolve de dentro para fora, assim como uma realidade que se desenvolve a partir de uma parte interna da qual são conhecidos os responsáveis. Portanto, sua ideia é a de um território que se conforma a partir de pequenas unidades locais porque são as pessoas que trabalham o meio ambiente e podem modular a expansão e composição das economias pelas relações que mantêm com outras localidades ou com outras pequenas unidades como a sua. Pode ser que essa seja mais uma hipótese que ajudaria a entender o florescimento da ESS no momento, principalmente no meio rural.

REFERÊNCIAS

AJUNTAMENT DE BARCELONA. **Pobresa i Desigualtat Social a la ciutat de Barcelona: la configuració de l'escenari post-crisi.** 2016-2017. Ajuntament de Barcelona, 2018. 50 p.

ALIÓ, Àngels. Cooperatives de nova generació al secà català. *Economies Socials i Solidaries (ESS) en la organització del territori i el desenvolupament local.* Fets nº 5. Centre de Recursos per l'Ecologia Social. Universitat de Barcelona, 6 pàgs. 2020.
<http://www.ub.edu/cres/sites/default/files/Seca3.pdf>

ALIÓ, Àngels; CASANOVAS, Marc; GIACHINO, Davide. Environmental citizen demands: the manifestos for the agriculture protection in the metropolitan region of Barcelona and the development of the new environmental culture. **Sociedade e Território**, Vol. 29, N. 1, p. 6 - 30. 2017.

ALIÓ, Àngels; AZEVEDO, Franciso Fransualdo. "La economía social y solidaria en la transición ambiental". **Mercator**, Fortaleza, v. 14, n. 3, p. 89-108, set/dic. 2015.

AZEVEDO, Francisco Fransualdo; PERXACS, Helena; ALIÓ, Àngels. Social dimension of urban and periurban Agriculture. **Mercator**, Fortaleza, v.19 , e19005, 2020.

- CAPRA, Fritjof. **La trama de la vida**. Barcelona, New York Editorial Anagrama, 2015, 359 p. 1996.
- DIAZ MUÑOZ, J. Guillermo. **Economías solidarias en América Latina**. Guadalajara (México). 403 p. 2015.
- DIAZ MUÑOZ, J. Guillermo. Economías solidarias y territorio: hacia un análisis desde la complejidad. **Otra economía**. 9 (17) p. 123-135. VII – XII, 2015.
- DIAZ MUÑOZ, J. Guillermo e GUZMAN, Jorge A. **¿Qué es el territorio?** Aproximaciones teórico-conceptuales y metodológicas. CIFS – ITESO, 77 p. 2014.
<https://rei.iteso.mx/bitstream/handle/11117/1421/MARCO%20TEORICO%20TERRITORIALIZACION%20AVANCE%205.pdf?sequence=2&isAllowed=y>
- FEDERACIÓ DE COOPERATIVES AGRARIES DE CATALUNYA. **Anuari socioeconòmic de les cooperatives agràries de Catalunya**. 2020.
http://www.cooperativesagraries.cat/admin/js/kcfinder/upload/files/2020_Anuari%20socioeconomic_Document%20de%20sintesi_Exterior_CAT_WEB.pdf
- FERNANDEZ, Anna e MIRÓ, Ivan. **La economía solidaria a Barcelona**. La Ciutat Invisible i Ajuntament de Barcelona, 193 p. 2016.
- GRAEBER, David. **Bullshit Jobs**. Simon & Schuster. 368 p. 2018. (Trabajos de Mierda, Barcelona. Ed. Ariel, 2018. https://www.rentabasicuniversal.es/wp-content/uploads/2018/10/Trabajos-de-mierda_-Una-teoria-David-Graeber.pdf)
- GUERRA, Pablo. **Miradas globales para otra economía**. Barcelona, SETEM, 2012. 100 p. 2012.
- GUIRADO Carles, BADIA Anna, TULLA Antoni F., VERA, Ana. Agricultura social: Economía social y dinamización agroecológica como estrategia de desarrollo local. El caso de L'Olivera Cooperativa. **IX Coloquio Nacional de Desarrollo Local**. Asociación de Geógrafos Españoles, Alacant, 2013.
- KALLIS Giorgios, PAULSON Susan, D'ALISA Giacomo e DEMARIA Federico. **The Case for Degrowth**. Cambridge, Polity Press, 2020.
- MAX-NEEF Mamfred, ELIZALDE Antonio e OPENHAYN Martín. **Desarrollo a escala humana**. Conceptos, aplicaciones y algunas reflexiones. Nordan comunidad Icaria. Montevideo – Icaria Barcelona, 1993.
http://www.daghammarskjold.se/wp-content/uploads/1986/08/86_especial.pdf
- MONZÓN José Luis e CHAVES Rafael. **Evolución reciente de la Economía Social en la Unión Europea**. Centre international de recherches et d'information (CIRIEC). Bruxelles, 130 p. 2017. <https://www.eesc.europa.eu/sites/default/files/files/qe-04-17-875-es-n.pdf>

SEMPERE, Joaquim. **Mejor con menos**. Necesidades, explosión numista y crisis ecológica. Barcelona, Ed. Crítica, 268 p. 2009.

SINGER, Paul. Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário. **Estudios sociales avanzados**. v.18 n.51 São Paulo, maio/ago. 2004.

<https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000200001>

TIRADO HERRERO, SERGIO. **Indicadors municipals de pobresa energètica a la ciutat de Barcelona**. RMIT Europe. RMIT University. 2018.

Recebido em 10 de setembro de 2021

Aprovado em 18 de dezembro de 2021

Publicado em 07 de fevereiro de 2022